

A HISTÓRIA ALIADA AO CINEMA: COMO ERAM OS DEUSES DO EGITO ANTIGO?

Wilson Oliveira Badaró¹

DEUSES do Egito. Direção: Alex Proyas. Produção: Basil Iwanik. Summit Entertainment/TIK Films; EUA e Austrália, Lionsgate, 2016 (BlueRay 5.1) 127 minutos.

Introdução

O filme “Deuses do Egito” é uma produção cinematográfica do ano de 2016 que teve como principal foco discutir a disputa divina entre Hórus e Set e sua respectiva influência sobre a sociedade egípcia da antiguidade². A trama do filme gira ao redor da compreensão de como os deuses afetavam o cotidiano dos humanos, mas propõe, também, como os humanos, poderiam influenciar nos destinos e definições das disputas entre as deidades. Nesse caso, o romance entre Bek e seu grande amor, Zaya (morta após o roubo do olho de Hórus feito por Bek), faz com que o protagonista encare uma grande aventura pelos diferentes mundos da cosmologia egípcia (reino dos mortos, de Anúbis, reino superior de Rá e a própria *Kemet* – o Egito).

Bek, apesar de cético e pouco crente nos deuses, tomará partido na batalha entre Hórus e Set (envolvendo outros deuses como Hathor, Toth e o próprio Rá), favorecendo Hórus pelo fato de sua amada confiar nos deuses e, em específico, neste último. Após a derrota em uma batalha onde o resultado fora a morte de Osíris, pai de Hórus e a perda dos olhos, o deus Hórus se vê inutilizado e desacreditado por haver perdido parte de seus poderes. Bek vale-se de suas diversas habilidades para auxiliar Hórus e ambos encaram provações e sacrifícios para alcançarem o confronto final que valerá a retomada do poder do filho de Osíris e o retorno à vida da amada de Bek, Zaya.

O diretor do filme, Alex Proyas, é filho de pais gregos e nascido no Egito. Ficou conhecido pelos “comerciais televisivos, videoclipes de bandas de rock, entre outros

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Correio eletrônico: w_o_b@hotmail.com.

² Disponível em: <http://www.godsofegypt.movie/> acesso em: 28 de março de 2017.

curtas-metragens”³. Se notabilizou em Hollywood através do filme “The Crow” (O Corvo) o que o projetou para diversos outros longas-metragens.

O filme foi lançado em um contexto de aumento significativo de disputas e tensões raciais bastante acirradas nos EUA iniciado com o crescimento do movimento dos supremacistas brancos⁴ que culminou, no ano de 2016, ano de lançamento do filme, com ações como o banimento de diversas contas de Twitter de membros desse grupo⁵ assim como mortes perpetradas por membros radicais desses grupos, como nos informam diversos periódicos⁶ no Brasil. Talvez, por um contexto tão conturbado, visando evitar uma má interpretação do público em relação à quase ausência de negros em seu filme que propõe expor uma sociedade africana como o Egito, tanto o diretor, Alex Proyas, quanto o estúdio, Lionsgate, resolveram divulgar uma nota em relação a esta situação⁷.

O; deuses do Egito: o filme

A obra fílmica em questão traz uma proposta de fazer dialogar as diferentes interpretações históricas, disponíveis devido aos avanços historiográficos sobre o Egito Antigo, e as leituras atemporais da mitologia egípcia, aproximando ações divinas, quase sempre incompreensíveis aos processos de vida humana, às ações dos mortais em plano terreno. Apesar do enunciado ser mitológico e teológico logo no início do filme, o pano de fundo é um romance entre dois mortais que acabam por depositar esperanças de mudança ou continuidade em seu romance, a partir da fé em seus deuses e no ideário egípcio mais evidenciado dentro da história com a mumificação: a vida após a morte.

³ FIORI, F. M.. THE CROW (1994): JAMES O´BARR REVISTO POR ALEX PROYAS. 2017. 151 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som – Universidade Federal de São Carlos, 2017, p. 57.

⁴ Para maiores detalhes sobre o crescimento gradual do movimento supremacista gradual, confira a matéria de FLECK, Isabel. Número de grupos que defendem supremacia branca nos EUA cresceu 56% desde 2000. Folha de S. Paulo. Sábado, 15 de junho de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/06/1470625-numero-de-grupos-que-defendem-supremacia-branca-nos-eua-cresceu-56-desde-2000.shtml> acesso em: 27 de março de 2017.

⁵ Canaltech. Twitter bane perfis de membros de grupo de supremacia branca nos EUA. 16 de novembro de 2016. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/twitter-bane-perfis-de-membros-de-movimento-de-supremacia-branca-dos-eua-84159/> Acesso em 22 de março de 2017.

⁶ G1 Mundo. Supremacista branco é condenado à morte por assassinatos nos EUA. 11 de novembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/supremacista-branco-e-condenado-morte-por-assassinatos-nos-eua.html> acesso em: 23 de março de 2017 e também em Gazeta do Povo. Supremacistas brancos matam mais que jihadistas. 24 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/supremacistas-brancos-matam-mais-que-jihadistas-7hwpauj3r8wvq27egt2okuc16> acesso em: 23 de março de 2017.

⁷ MENDELSON, Scott. Lionsgate Responds To ‘Gods Of Egypt’ Whitewashing Controversy. FORBES. 27 de novembro de 2015.

Esta abordagem, do ponto de vista histórico, que expõe uma realidade relacional entre deuses e humanos, fora muito comum à cultura egípcia, pois havia uma forte imbricação das ações divinas na vida de seus adoradores e vice-versa.

Com efeito, esta abordagem dada pelo cinema revela uma dimensão do cotidiano muito recorrente na esfera social egípcia, sobretudo se incluirmos, ou considerarmos, para esta discussão em específico, as atribuições das enfermidades e suas causas no ideário e no contexto desta mesma Antiguidade egípcia, como atesta James Henry Breasted. Mostrando-nos como os deuses eram uma constante na vida egípcia antiga, Breasted afirma que “toda a gama de vítimas que afligem a humanidade externamente revela uma concepção de um acidente como sendo oriundo/devido à ação dos deuses, não muito diferente da noção de “divina providência” ainda muito atual em nossos dias”⁸.

Esta aproximação fílmica idealizada materializa algo que ocorria de forma abstrata no Antigo Egito, porém ilustra bem como a presença divina dividia espaço com a vida social de forma marcante. A própria introdução da obra já propõe a escolha divina de “viver lá [no Egito], junto com sua criação inferior: o homem”⁹, pois estes deuses, segundo proposta da obra fílmica, acreditavam que deveriam acompanhar o que haviam solicitado aos humanos regidos por seu representante maior. Nesta leitura, os deuses verificavam o

enumerar [d]as realizações de um faraó, para mostrar que ele cumprira plenamente sua missão terrestre de manter a ordem universal desejada pelos deuses (Maât) e de resistir às forças do caos que cada vez mais ameaçavam essa ordem¹⁰.

Esta organização entre o “caos” e a “ordem”, interpretados através da relação dos deuses com o cosmo e dos homens com os deuses, é bem evidenciada nas batalhas exemplificadas entre Rá¹¹ (ordem) e Apófis (caos)¹² demonstrando uma sociedade organizada em uma estrutura binária (vida e morte; deserto e vale fértil do Nilo, deuses

⁸ BREASTED, James Henry. *The Edwin Smith Surgical Papyrus*. Vol. III. The University of Chicago Press, Illinois, 1930, p. 202 (Tradução minha).

⁹ DEUSES do Egito, Dir.: Alex Proyas, Summit Entertainment, EUA e Austrália, Lionsgate, 2016 (BlueRay 5.1) 00:01:10–00:01:18 min..

¹⁰ MOKHTAR, G. colaboração de VERCOUTTER J.. in: MOKHTAR, G. *História Geral da África*. Volume II. 2ª ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. XXXVII.

¹¹ O deus Rá, muito bem caracterizado como sendo o deus-sol também é um destaque que se deve ser pontuado nesta produção pela relevância que este astro exerce na organização e formulação do calendário egípcio e, sobretudo na constituição de suas observações astronômicas pioneiras.

¹² DEUSES, *Op. Cit.* 00:42:40–00:44:10 e também nos trechos 01:50:05–01:50:30.

e humanos, por exemplo) que definia visões de mundo notadas em papiros como o Papiro de Edwin Smith (em seu verso com uma receita mágica) e, amplamente, no Papiro de Ebers. Esta estrutura binária evidenciada remonta uma conotação da presença divina constante nas vidas de seus súditos inclusive nos recitais mágicos para o funcionamento de receitas de cura como demonstrou Subbarayappa ao expor o recurso humano ao suporte metafísico no sentido de obter uma “teurgia” (cura através da intervenção de deuses) em detrimento da “cirurgia” (cura empírica)¹³.

Os exemplos acima visam sugerir como o filme exprime aproximação histórica às discussões mitológicas feitas na historiografia ao iniciar a sua narrativa histórica enfatizando o antagonismo de forças entre o caos e a ordem com as posições contrárias de dois irmãos, Osíris e Set, que representavam respectivamente “a eterna oposição entre o Vale Fértil do Nilo e a hostilização do deserto, particularmente como a oposição entre Vida e Morte”¹⁴, propiciados pelo acesso (ou não) aos víveres gerados nas margens do rio no Egito Antigo.

Outra característica marcante no filme se faz perceber na exposição de uma diferenciação na estatura de homens e deuses. Estes sendo apresentados como de maior estatura e aqueles como tendo menor estatura e, naturalmente, a estatura traduz, de forma iconográfica, uma discrepância de poder entre homens e deuses que, forçosamente, aparece ao longo de toda a narrativa do filme. Detalhe pensado para dar a impressão de superioridade de um e inferioridade do outro, que parece haver sido muito bem sucedido visual e ideologicamente.

Essa aproximação histórica à mitologia continua sendo explorada na situação onde Set ordena que espalhassem o corpo de Osíris no Nilo e, segundo versão mitológica, Isis o encontra, mas deixa o corpo sozinho e, para garantir que Osíris não retornasse à vida, Set o corta em diversos pedaços, e os espalha pelo Egito¹⁵.

¹³ SUBBARAYAPPA, B. V.. The roots of ancient medicine: an historical outline. *Biosci.* 2001, 26, 135–143. Também, para uma visão mais prática e direta dessa tendência binária nas práticas sociais cotidianas dos egípcios e sua cosmovisão confira: VALE, Alessandra Pinto Antunes do. O conto de Apepi e Sequenenra (Reino Novo, XIX^a Dinastia): uma análise histórico-literária. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. pp. 103-104. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1653.pdf>>.

¹⁴ SANTOS, Poliane Vasconi dos. Religião e sociedade no Egito antigo: uma leitura do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.). 2003. 150 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2003, p. 15.

¹⁵ Esta cena pode ser encontrada entre os trechos 01:00:15–01:01:08 do filme, e também na discussão proposta na dissertação de AZEVEDO, Evelyne. O Egito mítico de Athanasius Kircher: o Obeliscus Pamphilius e a Fonte Quatro Rios na Praça Navona. 2009. 134 f. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2009, p. 49. Para ampliação do entendimento mítico em torno dessa questão, verifique os detalhes oriundos diretamente da obra de ARAÚJO, Emanuel O.. Escrito para a eternidade: literatura no Egito faraônico. Brasília (DF): Ed. UnB,

Um ponto de interessante exposição no filme é uma insinuação à cosmologia da criação via mitologia egípcia que aparece na cena em que a água da Barca Solar de Rá é evidenciada¹⁶. Esta água, conhecida como “Neit (...) força de vida presente nas águas primordiais de antes da criação e pode, por isso, ameaçar fazer regressar tudo a uma situação caótica, se o seu veredicto não for respeitado”¹⁷, levando o espectador deste filme a se indagar quem seria, geneticamente, o criador da água da criação. Neste ponto, a insinuação, provavelmente, nos levará refletir sobre as discussões que atestam que a água fora usada muito anteriormente por Num, a deusa vista como o oceano primeiro e sagrado que criou Atum¹⁸ que, por sua vez, criou Shu e Tefnut, dando início a um ciclo de criações por meio da sexualização dos deuses vista no início do filme nas representações de Hórus e Hathor, a deusa do amor, por exemplo.

Por fim, as discussões sobre a legitimidade do desejo dos egípcios em garantir, de diferentes formas, uma vida de plenitude e paz após a morte aparecem como uma constante a partir de determinado ponto do filme¹⁹. Esta abordagem cinematográfica permite acessarmos uma preocupação muito explorada pela história em relação ao funcionamento social egípcio, algumas de suas construções mais notáveis, hábitos funerários e vestuários que giraram em torno desta noção de uma vida que viria após a morte.

Deste modo, o filme corrobora a noção difundida de que, segundo A. Abu Bakr, além da vida terrena, e da vida divina, havia a “vida futura no túmulo e na necrópole, [onde] os egípcios desenvolveram pouco a pouco outras concepções relativas à eternidade”²⁰ que perpassavam o mero fato de *estar aí*, no mundo e como os deuses contribuía com o desenvolvimento desta compreensão ou o lograr deste objetivo após a morte.

Conclusões

2000, pp. 338-345. Que traduz e discute as exposições do “Grande hino a Osiris” e, por ele, trechos significativos da mitologia referida.

¹⁶ Cena encontrada nos trechos entre 00:44:50-00:45:08. Nesta ocasião, Rá permite a coleta das águas de sua barca evidenciando que a propriedade das águas não lhe dizem respeito.

¹⁷ PENA, Abel Nascimento et alii (orgs). Revisitar os Mitos. 1ª Edição. Ribeirão: Húmus, 2015. p. 715 (Nota de rodapé).

¹⁸ Cf.: ARAÚJO. *Op. Cit.* p. 35.

¹⁹ Mais especificamente após a morte Zaya. Deste ponto em diante, a saga de Bek tem início para garantir o retorno de Zaya à vida, outra crença que se convencionou afirmar que os egípcios tinham em relação ao ato de embalsamar os seus corpos, buscando preservá-lo para poderem retornar aos mesmos, ainda que apenas na necrópole.

²⁰ ABU BAKR, A.. O Egito faraônico. p. 45. in: MOKHTAR, G.. História Geral da África. Volume II. 2ª ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.

A animosidade entre Set e Osíris poderia ser melhor explorada para ilustrar as razões motivadoras das ações de Set contra o pai de Hórus e seu respectivo filho. Neste sentido, é interessante considerar que adaptações são sempre feitas para melhor adequar a produção cinematográfica mantendo um enredo atraente e linear, algo que a história não é e nem pretende (ou não pode dada a sua contingência fenomênica) ser. Por isto, alguns anacronismos são cometidos – conscientes ou não – mas que, diante da complexidade dos fatos históricos envolvidos, e para o principal propósito de abordar uma obra destas em sala de aula para contar/ilustrar detalhes sobre a mitologia egípcia, podem ser relevados pois fomentam a discussão e o debate.

Outro detalhe que deve ser comentado é o de que dispomos de versões que propõem que Hórus só tenha nascido após a morte de Osíris e que, apenas após isto, verifica-se que

um peixe havia comido os genitais do deus. Ela [Isis, sua esposa] então os reconstitui magicamente e consegue assim conceber um filho seu, Hórus. Este herda o poder real do pai na terra, enquanto Osíris, para sempre o rei morto, governou o reino dos mortos.²¹

Esta problemática se reforça diante da continuidade que parece muito consistente se considerarmos que Hórus não estava presente – não havia sequer nascido – e nem retoma o poder por meio de uma batalha direta contra Set, mas sim por meio de um julgamento, como conta a mitologia.

Dentre a riqueza de detalhes proporcionados pelo filme, não poder-se-ia deixar de mencionar o número diminuto de negros num filme que retrata Kemet (terra negra ou terra de negros), uma sociedade africana, negra, que apesar da invasão de povos do Oriente, os hicsos – não tratado no contexto do filme –, não passou por um processo de assimilação racial.

Deste modo, feitas as devidas considerações, críticas e guardando as devidas proporções apresentadas por esta obra do cinema norte-americano, a produção é uma obra rica, e altamente valiosa para o uso no ensino de História. Ela traz diversos aspectos da cultura, religião, estrutura política e ideológica do Antigo Egito, assim como

²¹ Cf.: AZEVEDO. Op. Cit.. p. 49. Confirma também o interessante artigo de SILVA, J. G.. Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. *Espacialidades*, v. 5, 2012 p. 79. Veja também a imprescindível obra: PENA, Abel Nascimento et al (orgs). *Revisitar os Mitos*. 1ª Edição. Ribeirão: Húmus, 2015.

relação entre os deuses e humanos e, por fim, reconstruções de espaços e ambientes geográficos.

Recebido em 11 de março de 2017 e aprovado para publicação em 29 de abril de 2018